RELATO DE UMA VIAGEM TURISTÍCA-COMERCIAL ATRAVÉS DA DIVERSIDADE CULTURAL, SOCIAL E DEMOGRÁFICA CALIFORNIANA

Cícera Rodrigues Yoshimoto

Mestre em Educaçao pela UNESP Campus de Marilia, Professora dos Cursos de Turismo, Psicologia, Comunicaçao Social, e Enfermagem. Membro do Centro de Pesquisas e Estudos em Hotelaria e Turismo; do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação da FACOPP e do Grupo de Estudos em Logoterapia da Sociedade Brasileira de Logoterapia.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar uma viagem turístico-comercial através da diversidade cultural, social e demográfica californiana. O ponto alto da viagem foi a utilização de um *camper* para explorar o Norte da Califórnia, seguido da hospitalidade das famílias americanas que receberam os intercambiários brasileiros.
Palavras-chave: viagem turístico-comercial; *motor home*; hospitalidade; flexibilidade.

NARRATION OF A BUSINESS-TOURISM TRIP THROUGH CALIFORNIAN CULTURAL, SOCIAL AND DEMOGRAPHIC DIVERSITY

ABSTRACT

This article aims to narrate a tourist-commercial trip through cultural, social and demographic diversities. The top point of the trip was the camper as a mean of transportation to explore the North of California, followed by American family hospitalities who host the Brazilian exchange students.
Key-Word: tourist-commercial trip; motor home; hospitality, flexibility.

INTRODUÇÃO

Foram três as razões para viajar mais uma vez para Califórnia. A primeira delas foi estritamente profissional, uma vez que acompanharia alunos brasileiros do ensino médio que estudariam neste estado por um semestre letivo. A segunda, de cunho social, foi rever velhos amigos e a terceira, além do enfoque social, foi também turístico, conhecer o extremo Norte da Califórnia através de um meio de transporte nunca antes experienciado – *camper*[1], após passar o *Reveillon* em *San Francisco.*

Antes de iniciar este relato, é importante acrescentar que a Califórnia apresenta algumas características geográficas e demográficas que realmente chamam a atenção do turista:

- É o terceiro maior Estado norte americano, com 1.300km de extensão e 400km de largura, com cerca de 300 milhões de habitantes, o que o torna o mais populoso dos estados norte americanos. Apresenta também a mistura racial mais diversificada do país. Suas principais cidades são *San Francisco* e *Los Angeles* mas também são destaques as cidades de *San Diego* e *San Jose*;
- Tem o segundo pico mais alto da América do Norte, o *Mount Whitney* nas *High Sierras* e as extensões mais baixas de terras áridas, o *Death Velley*, no Deserto de *Mojave*;
- Abriga a falha de *San Andreas*, a maior fratura da crosta terrestre, que se estende por quase todo o Estado, com cerca de 965 km, do Golfo da Califórnia até o Cabo *Mendocino*, razão de seus tremores e terremotos.

A arquitetura californiana recebeu influência dos europeus no século XVIII e das missões espanholas do final desse século e início do século XIX que foram adaptações da arquitetura barroca mexicana. Por isto, a maioria das localidades tem nomes de origem espanhola, em razão da sua colonização mexicana.

O meio de transporte mais utilizado na Califórnia é o carro, mas também é possível viajar de trem pela empresa *Amtrak* entre as principais cidades. Diferentemente do Brasil, o ônibus é pouco usado, exceto nas grandes cidades, por outro lado é acentuado o número de *Campers* e *motorhomes*[2].

Uma pesquisa da Universidade de Michigan para a RVIA - *Recreational Vehicles Association*, em 1997, revelou que 92% de proprietários de VRs (*Recreational Vehicles*), afirmaram ser o melhor meio de viajar com a família, enquanto 42% dos entrevistados disseram ser mais barato do que fazê-lo de carro, hospedando-se em hotéis e freqüentando restaurantes.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a observação naturalística de situações vivenciadas durante a viagem e nos locais visitados. Parte-se do empírico na tentativa de ultrapassar a abordagem descritiva, atingindo-se o nível interpretativo.

As técnicas utilizadas foram:

a) Entrevistas semi-estruturadas e livres. Os entrevistados foram: amigos, professores e coordenadores do programa de intercâmbio cultural;
b) Participação em reuniões com os profissionais de uma agência de intercâmbio brasileira e sua parceira norte americana;
c) Observações realizadas durante as reuniões, momentos de entrevista e passeios;
d) Leitura e análise do material publicitário da área de turismo e hotelaria;

[1] Uma espécie de trailer acoplado a uma caminhonete.

[2] Casas motorizadas semelhantes a ônibus.

A experiência vivida durante todo o programa facilitou os contatos com os órgãos que coordenam o turismo no Estado da Califórnia e permitiu uma visão mais ampla do turismo no Norte da Califórnia.

A leitura de material da região a ser visitada foram pré-requisitos para a organização da viagem.

Foram duas as dificuldades encontradas, a primeira foi a falta de hospitalidade da companhia aérea e a segunda foi o mau tempo, com chuvas fortes, nevascas, enchentes e desmoronamentos.

RELATO DA VIAGEM

1ª. Etapa:

A viagem teve início em São Paulo, mas durante o *check in*, uma jovem do grupo recebeu a tarja vermelha no passaporte, o que significou revista geral em todos os aeroportos. Ainda em Guarulhos, a jovem foi levada para um espaço reservado, onde teve toda sua bagagem revistada e passou por um sensor corporal. A vistoria do conteúdo da bagagem foi feita por um inspector que usava luvas de plástico transparente, na presença da jovem, enquanto sua família aguardava e presenciava a alguns metros de distância. Após a liberação da vistoria, a empresa brasileira de intercâmbio, presente no embarque, avisou que as malas deveriam ser despachadas direto para o destino final, Sacramento.

O vôo 122, da *Delta Airlines*, saiu de Guarulhos no horário previsto, direto para Atlanta. Vale ressaltar o aparente desconhecimento das regras de bom atendimento ao cliente ou uma possível desmotivação, por parte da tripulação desta companhia aérea. Alguns funcionários pareciam ou sérios demais ou mal humorados. No desembarque em Atlanta, para o *transfer*, três acontecimentos desagradáveis.

O primeiro foi a informação da necessidade de pegar a bagagem para passar pela imigração, uma vez que as mesmas tinham sido despachadas do Brasil direto para Sacramento. O segundo, todos do grupo tiveram sua bagagem "confiscada", ou seja, todos tiveram de entregar suas bagagens para serem examinadas, sem a presença dos proprietários. Ao serem questionados sobre o destino da bagagem, os agentes alfandegários informaram que eles mesmos as enviariam para o destino final. Uma sensação de indignação e impotência tomou conta de todos, diante do abuso de autoridade e falta de respeito com os turistas, por parte do governo norte americano, em relação à abertura das malas na ausência dos proprietários. A terceira surpresa, já esperada, a revista corporal; desta vez, todos do grupo foram submetidos. Foi solicitado inclusive a retirada dos sapatos e meias, em piso frio, com a temperatura por volta de 10º.C. Foram gastas aproximadamente três horas neste aeroporto.

O embarque para Sacramento ocorreu às 8:34, em um avião menor, da mesma companhia aérea onde, além da frieza dos comissários de bordo, as refeições eram vendidas; apenas café, água e suco não eram pagos. Muitas pessoas traziam seus próprios alimentos, num festival de sanduiches e bebidas em meio a propaganda da companhia aérea tentando vender seus produtos.

A chegada em Sacramento foi às 11:50h. (hora local), onde a maioria dos estudantes ficaria. No desembarque, a costumeira recepção pelos coordenadores americanos do programa de intercâmbio, pelas famílias que hospedariam os estudantes e por amigos, agora, numa efusiva demonstração de hospitalidade e desprendimento. Uma vez que estas famílias

hospedariam os estudantes brasileiros sem nenhum custo para os mesmos. A esse respeito, Castelli (2005) afirma que o turista ao visitar uma região, busca também, e por vezes, preferencialmente, o contato com os moradores dessas localidades, constituindo esse um dos pontos altos da viagem. Os estudantes brasileiros ao se sentirem acolhidos por famílias norte americanas experimentaram o que é hospitalidade.

Após os devidos arranjos e reuniões com os coordenadores, as famílias hospedeiras e os estudantes brasileiros, a primeira etapa da viagem estava concluída. Despedi-me dos alunos e do pessoal engajado no programa, carregando comigo e deixando com eles todas as formas de comunicação entre nós, (endereços residenciais, eletrônicos e telefones) enquanto eu estivesse naquele país.

2ª. Etapa:

A segunda etapa da viagem continuou apenas com amigos, em uma caminhote Ford 4x4 de cabine dupla e carroceria estendida, com destino a cidade de *San Mateo*, uma localidade acolhedora, situada na área da baia de *San Francisco*, que serviu de base para as incursões pela região e, posteriormente, para o extremo norte da California.

A vista de *San Francisco*, a capital cultural da Costa Oeste, trouxe um antigo pensamento surgido desde a primeira visita a esta cidade, há 25 anos: 'apesar dos terremotos, incêndios e do acelerado desenvolvimento tecnológico, esta cidade ainda mantém muito de sua arquitetura típica'. Casas vitorianas do final do século 19, misturadas ao novo e ao moderno. Ou seja, a atmosfera romântica e a beleza da cidade permanecem imunes a qualquer modificação. Nem a chuva contínua e nem o frio de mais ou menos 4º.C conseguiram tirar o brilho do lugar.

San Francisco está situada na ponta de uma península, margeada pela baia de São Francisco a Leste e pelo Pacífico a Oeste, com o Vale do Silício ao sul e ao norte as encostas *Marin Headlands* e a reserva *Point Reyes Peninsula.* No Leste, as três cidades mais populosas da baia são *Berkeley*, que abriga um dos *campi* da Universidade da Califórnia, com cerca de 30 mil alunos, é hoje uma mistura de lojas e feiras *hippies* com elegantes restaurantes e cafés; *Richmond* e *Oakland*, que além de importante centro cultural tem um dos maiores portos de carga dos Estados Unidos.

As cidades históricas da baia são: *Benicia*, que já foi a capital do Estado e conserva o prédio que foi sede do governo; *Livermore*, de ambiente rural, abriga um avançado centro de pesquisa tecnológica e a maior usina eólica do mundo; *Palo Alto*, nascida para abrigar a universidade *Stanford*; *Pescadero*, uma tranqüila e produtiva comunidade agrícola que parece recusar a modernidade; *San Jose*, a terceira maior cidade do Estado cuja população supera a de *San Francisco*, e é o centro comercial e cultural do Sul da baia; *Sausalito*, muito movimentada nos finais de semana por sua paisagem, restaurantes e lojas importantes; *Tiburon*, uma vila costeira muito elegante, com lojas e restaurantes em "arcas" - antigas casas flutuantes adaptadas e trazidas para terra firme.

Foram gastos alguns dias passeando pela área da baia, visitando velhos amigos e encontrando alguns ex-alunos intercambiários que residiram no Brasil, na cidade de Presidente Prudente, por um ano letivo.

Um dos passeios que deixou saudades foi uma missa dominical em *La Honda*, um local em meio a um bosque, no alto de uma colina.

Esta pequena comunidade é muito hospitaleira, possui uma igreja construída de madeira, em meio a um bosque. Apesar da chuva e do frio a igreja estava repleta e após a missa, dentro da própria igreja, em uma mesa simples no fundo da igreja, quitutes típicos acompanhados de café, chocolate e chás quentes, trazidos pelos fiéis, eram partilhados juntamente com os acontecimentos da semana em um clima de muita camaradagem e hospitalidade.

Embora o conceito de hospitalidade seja amplo, complexo e envolva inúmeros debates e discussões, em razão das contribuições das várias ciências como filosofia, sociologia, psicologia, história, geografia, antropologia, economia, comunicação, dentre outras, hospitalidade, segundo Grinover (2002) é um conceito que vai além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos de entretenimento.

3ª. Etapa:

Na semana seguinte, mesmo com a chuva e o frio, iniciou-se a preparação da viagem para o extremo Norte da Califórnia. O primeiro passo foi a instalação do *Camper* na caminhonete. Tudo muito prático e realizado pelos próprios componentes do grupo, sem nenhuma dificuldade porque o proprietário do veículo já tinha experiência neste tipo de viagem. O conforto tecnológico - aquecedor/ar condicionado, televisão por satélite, DVD, computador com *wireless* para acessar a internet, telefone celular e rádio amador – foi um fator que deu mais segurança aos principiantes neste tipo de turismo, uma vez que a mídia anunciava mais chuvas e possibilidades de nevascas.

Nos Estados Unidos há um interesse acentuado no uso de veículos de recreio - *trailers e motorhomes* para viagens. O motivo principal é poder contar com um certo padrão de conforto sem ter de se sujeitar a reservas de hotéis e itinerários predeterminados, o motivo secundário é o fato de não ter de dessarrumar e arrumar malas a cada cidade, tudo fica devidamente acondicionado nos compartimentos do *trailler*.

Depois de acomodar os pertences pessoais e uma provisão básica de alimentos nos armários, com um mapa regional e a revista *RV (Recreational Vehicles) and Campout West.com* em mãos, deu-se por iniciada a aventura. A primeira parada foi Sacramento onde ocorreu o primeiro pernoite e um dia extra na programação.

Sacramento, a capital da Califórnia, é banhada por dois rios, o Sacramento e o *American.* Para explorar esta região, é preciso ter um carro à disposição porque a maioria das atrações turísticas localiza-se ao longo da rodovia 49 – a *Gold Rush Highway*, que passa pela base das montanhas e pelas cidades mais interessantes da região. O transporte público é muito restrito, há apenas duas linhas de ônibus de longa distância que transitam pelas rodovias I-80 e US 50, e um serviço diário de trem que sai de Sacramento. A capital do estado abriga o maior aeroporto doméstico da região, uma vez que o internacional mais próximo fica em São Francisco.

Em Sacramento, vale a pena visitar alguns pontos turísticos importantes:

- O *State Capital*, a sede do governo estadual é símbolo da época do ouro, que demorou quase 15 anos para ser concluído e custou 2,5 milhões de dólares;
- O *Crocker Art Museum*, uma contrução em estilo ítalo-vitoriano, que além dos quadros e esculturas vitorianas apresenta a arte e a fotografia da Califórnia;
- O *Sutter's Fort*, o único estabelecimento de origem anglo-europeia na Califórnia, criado em

1839, que oferecia serviços de moinhos, ferreiros e padaria. Um fato interessante, é que este prédio ainda mantém hasteada a bandeira mexicana;

- O *California State Indian Museum*, mostra as diferentes culturas indígenas existentes antes da chegada dos primeiros colonizadores europeus;

- A *Old Sacramento,* localizada entre o rio Sacramento e a cidade moderna, parece levar o turista para os velhos filmes de *Farwest*. Ao longo de seis quadras, construções históricas, algumas feitas para os garimpeiros que vinham em busca de ouro e que atualmente servem de lojas, museus e restaurantes. O antigo ponto de embarque de cargas para São Francisco, transformou-se em um calçadão onde é possível caminhar, andar de bicicleta e de carruagens típicas do século XIX guiadas por *cawboys* vestidos à caráter.

- O *Delta King Riverboat*, que parece ser um dos únicos barcos a vapor existentes, foi remodelado e atualmente é um hotel e restaurante;

Além das redes de *fast food* há uma grande variedade de cozinha internacional, mas para os apreciadores de frutos do mar vale a pena visitar o *Asian Seafood Buffett*, na *9050 Fairway Dr. # 145, Roseville,* onde se come de tudo, à vontade, inclusive sobremesa por US$9,25. Os idosos, a partir de 60 anos, pagam US$7,95[3]. O horário de almoço vai das 11:00 às 15:30 sete dias da semana, mas o jantar, como em qualquer restaurante nos Estados Unidos é mais caro.

A viagem continuou pela *Interstate 80 west* e depois na direção norte até cruzar a rodovia I 5. Durante a viagem, foi observado através de placas de sinalização, confirmando o que a revista mostrava, que é grande o número de postos de gasolina e campings equipados para receber veículos de recreio, com disponibilidade suficiente de reabastecimento de eletricidade, água, gás, banheiros, facilidade de despejo de águas já utilizadas e detritos, bem como a limpeza química do sanitário. Nas lojas de conveniências destes postos, à margem da estrada, é possível encontrar todo material ou reparos que por ventura for necessário. Fatos que propiciam tranqüilidade na viagem.

A segunda parada também não estava no programa, foi em um restaurante à beira da rodovia, Pit Olive, conhecido por seus queijos, azeitonas, vinhos e artesanato. Enquanto algumas compras eram feitas, o aparelho de televisão do mini-mercado anunciava algumas enchentes, inundações e desmoronamentos ao sul da Califórnia e nevascas em algumas localidades. Surpreendentemente, o clima na Califórnia estava mudado, segundo os californianos, há 30 anos não nevava naquela região. Embora sem confessar aos demais, o desejo de desistir da viagem foi muito forte.

Decorridos mais ou menos 40 minutos a viagem foi reiniciada enquanto a chuva continuava. Os questionamentos sobre o mau tempo e as possibilidades de interdição de estradas ou de alguma dificuldade para pernoitarmos também se fizeram presentes. A apreensão de alguns componentes do grupo só foi minimizada quando nosso motorista recebeu a chamada de um amigo, via rádio, perguntando a nossa localização e afirmando que a estrada até Redding, nossa próxima parada, estava normal, sem barreiras.

Às margens da estrada algumas placas chamavam a atenção, principalmente uma que dizia “Os fazendeiros alimentam a América” representando o espírito do norte americano.

Pernoitamos no *Sacramento River R. V. Park* um camping a 6 milhas de *Redding*. Na entrada uma placa com aviso do horário de

[3] Preço em janeiro de 2005.

funcionamento da portaria – das 9:00 às 17:00 horas, como já eram 18 horas, o *check in* foi feito eletronicamente, fato surpreendente, uma vez que por ser inverno já estava escuro. Todas as orientações foram entregues também eletronicamente. O local oferecia pesca, barco, campo de golfe, quadra de tênis, churrasqueiras, televisão por satélite e banheiros com chuveiros quentes dentre outras facilidades.

No dia seguinte, seguimos para *Redding*, uma cidade na base do famoso Monte *Shasta*, de lá seguimos para a propriedade rural de um dos componentes do grupo, enquanto aguardaríamos a diminuição da chuva e da neve. Na subida da montanha, a neve caída na noite anterior ainda cobria toda a área verde. Da propriedade avistávamos o Monte *Shasta* na sua imensidão e beleza, coberto de neve.

A região norte da Califórnia tem quase 800 quilômetros desde a fronteira do Oregon, região pouco habitada, até os centros urbanos super desenvolvidos que marcam o início da região sul. Essa região apresenta paisagens vulcânicas, montanhas imponentes, florestas densas e vários parques nacionais.

Como a chuva persistiu nos próximos três dias, interrompemos a jornada e voltamos para *San Mateo*, na baia de *San Francisco*.

CONCLUSÃO

Como toda viagem, esta também foi planejada. A escolha do meio de transporte ocorreu com seis meses de antecedência, o roteiro e outros detalhes foram sendo tratados por Internet. Um fator muito importante no planejamento deste tipo de viagem é a necessidade de flexibilidade, pois a rigidez em relação ao cumprimento da programação e quanto às paradas e aos horários pode transformar um passeio agradável e gratificante em tormento.

O orçamento incluiu, além das passagens aéreas, o combustível, os pedágios, as taxas de *campings*, alimentação e despesas extras como atividades e visitas a lugares pagos. Como atividades extras, houve, por exemplo, os ingressos de última hora, para uma partida de basebol em Sacramento, entre os *Kings* e os *Giants* e, conseqüentemente, uma alteração no percurso da viagem em decorrência do mau tempo.

Outros cuidados foram: a elaboração de uma lista de vestuário mínimo necessário, adequado ao clima local, bem como os objetos de higiene pessoal, uma vez que o espaço para os pertences seria limitado; a verificação da validade dos documentos como carteira de motorista, atualização de cartões de crédito, carteirinha de estudante internacional, passaporte e seguro de vida.

Viajar de *motorhome* foi vivenciar uma sensação de liberdade, pois, apesar do planejamento, é possível alterar o roteiro a qualquer momento, escolher onde parar, viajar sem formalidades e, principalmente, fazer novos amigos e praticar o companheirismo dos campings.

É este espírito de desprendimento, aliado às vantagens econômicas, simplicidade e busca do novo, que está levando cada vez mais turistas a aderir a este conceito de turismo. Mesmo porque, muitas vezes, é o único meio de acesso a locais onde ainda não existem hotéis.

Segundo o diretor da Associação Brasileira de Campismo, Luiz Edgar Tostes,

> "[…] rebocar um trailer ou dirigir um motorhome são formas bem distintas de conduzir veículos, mas não têm nada de difícil ou complicado. É uma questão de se habituar com o tamanho, peso do veículo e tomar os

> cuidados necessários com a velocidade, distância de frenagem e ultrapassagens. Da mesma forma que se criam os condicionamentos necessários ao dirigir um automóvel, a prática de conduzir um veículo maior também desenvolve a devida percepção para fazê-lo com prudência e segurança. No caso do trailer, há um requisito adicional que é a manobra de ré, pois, nesse caso, o trailer se movimenta na direção contrária a que está girando o volante do carro."

Para finalizar, algumas sugestões encontradas tanto no Brasil como nos Estados Unidos, que facilitam a convivência e permitem que a viagem seja bem sucedida e digna de ser relembrada: Tenha sempre em mãos um mapa e uma caixa de primeiros socorros; deixe o lugar que te recebeu melhor do que o encontrou; nunca abra depósitos de detritos em via pública ou fora do local apropriado; cumpra as regras de cidadania, colaborando com as exigências de cada local visitado; e não sobrecarregue o veículo, há produtos que podem ser comprados localmente.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLI, Geraldo. Hospitalidade na perspectiva da Gastronomia e Hotelaria. São Paulo: Saraiva, 2005.

DIAS, Célia M. de Morais (org.). Hospitalidade: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

DENCKER, Ada F. M. e BUENO, Marielys S. (orgs). Hospitalidade: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003.

GRINOVER, Lúcio [et al.]. Hospitalidade: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MARQUES, J. Albano. Introdução à hotelaria. Bauru: EDUSC, 2003.

REVISTA: *RV (Recreational Vehicles) and Campout West.com*

www.acamp.com.br – Luiz Edgar Tostes (2002)